



Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Educação a distância da UFSM - EAD
Universidade Aberta do Brasil - UAB

Especialização em Tecnologias da Informação e da Comunicação
Aplicadas à Educação

Polo: Novo Hamburgo - RS
Disciplina: Elaboração de Artigo Científico
Professor Orientador: Prof^a Dr José Eduardo Baggio
Aluno: Bianca Rodrigues Bratkowski
Data da defesa: 11 de julho de 2014

Literatura e TIC: a formação do leitor na era digital.

Literature and TIC: the formation of the reader in the digital age.

BRATKOWSKI, Bianca Rodrigues¹

BAGGIO, José Eduardo Baggio²

Resumo: Este artigo se propõe a investigar e refletir sobre o uso das tecnologias nas aulas de Literatura e de que forma elas influenciam na formação de leitores. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa e quantitativa com alunos de uma escola do município de Canoas - RS, através de aplicação e posterior análise de questionários aos alunos e professores da disciplina de literatura do ensino médio. Com base na pesquisa desenvolvida, evidencia-se que os alunos têm o hábito de ler, têm acesso à internet, e os professores usam TIC em sala de aula, embora com recursos escassos. Conforme relatado pelos participantes da pesquisa, as TIC usadas pelos professores são importantes elementos para o processo ensino-aprendizagem dos envolvidos.

Palavras Chave: Literatura; TIC; leitor; escola.

Abstract: This article proposes to investigate and reflect on the use of technology in classrooms for Literature and how they influence the formation of readers. For this, a qualitative and quantitative research with students from a school in Canoas- RS was held, by application and subsequent analysis

¹ Mestra em Letras Habilitação Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

² Dr. Em Engenharia Elétrica (2003), Universidade Federal de Santa Maria.

of questionnaires to students and professors of literature of high school. Based on the research conducted, it is evident that students have the habit of reading, have Internet access, and teachers use TIC in the classroom, though with scarce resources. As reported by the research participants, TIC used by teachers are important elements for the teaching-learning process involved.

Key Words: *Literature; TIC; reader; school.*

1. Introdução

Nos últimos anos, com o desenvolvimento da tecnologia e sua expansão em diversos ambientes, houve um aumento na discussão acerca do modo de ensinar e aprender. Uma das áreas afetadas por essa revolução tecnológica foi a Literatura.

Se antes o professor já tinha dificuldades em despertar o interesse dos alunos pela leitura de Literatura, com o advento da tecnologia, esse quadro se agravou, pois o professor tem se deparado com uma nova realidade. Segundo Ramal,

a informática transforma o conhecimento em algo não-material, variável, fluido e indefinido, por meio dos suportes digitalizados, trazendo consigo processos provocadores de rupturas: a interatividade, a manipulação de dados, a correlação dos conhecimentos entre si por meio de *links* e nós de rede hipertextuais, a plurivocidade, o apagamento das fronteiras rígidas entre texto-margens e autores-leitores, a relativização da objetividade do conhecimento e da busca de verdades definitivas (SCHIFFERLI, 2014, p. 4).

Outros instrumentos começaram a fazer parte da vida dos alunos e o professor começa a pensar em como incluir diferentes mídias (livro digital, clipes, audiobooks, filmes de adaptação, etc.) nos seus planos de aulas. Para Bellei,

não há dúvida de que as vantagens do uso da tecnologia digital, particularmente em sala de aula, são reais. A cada dia que passa, um número maior de professores e alunos, percebe que, com o acesso à rede, o material de ensino torna-se mais fácil de ser encontrado e usado (2012, p. 142).

Nesse sentido, é necessário que se reflita sobre a interação do livro em papel e essas diversas mídias dentro da escola e de que forma isso influencia na formação de leitores na nossa sociedade. Rezende pontua que

a escola é menos livre que a sociedade: lida com objetivos e conteúdos inseridos num currículo ou programa. A literatura que ali adentra está submetida a essas necessidades escolares, mas isso não significa que teorias e práticas sejam imutáveis. Ao contrário: a

escola, assim como todo elemento de cultura, é histórica, e precisa mudar (REZENDE, 2013, p. 109).

Assim, visto a importância dessa transformação pela qual a sociedade e as escolas vem passando, neste trabalho, busca-se analisar quais as estratégias adotadas pelos professores de literatura para incorporar as novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), de forma a motivar os alunos para um maior aprendizado.

No capítulo 2, é apresentada uma revisão bibliográfica sobre as TIC e a Literatura. No capítulo 3, tem-se a pesquisa realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Érico Veríssimo do município de Canoas/RS, onde foi analisado como os professores e alunos vêem a influência e o uso das TIC em sala de aula. No quarto e último capítulo, são apresentadas as considerações finais.

2. TIC e a Educação

A sociedade passa por mudanças constantemente e, devido às evoluções tecnológicas, estamos vivendo, atualmente, a era da pós-informação. A tecnologia atinge todas as áreas e está se tornando, cada vez mais, uma parte essencial na vida das pessoas.

Desse modo, além do seu uso doméstico, também as empresas e instituições utilizam a tecnologia para facilitar, acelerar e auxiliar no seu dia-a-dia. A escola é uma das instituições beneficiadas pela tecnologia. No entanto, muitos estudos ainda estão sendo realizados e muitos projetos estão sendo desenvolvidos para que se possa refletir sobre como as tecnologias podem ser melhores aproveitadas nos ambientes escolares.

A tecnologia mudou a maneira de se pensar a educação. Se antes era imprescindível que o professor e os alunos estivessem no mesmo espaço físico para que ocorresse o processo de ensino-aprendizagem, atualmente, essa visão se modificou.

Devido aos dispositivos de comunicação móvel, é possível que experiências educativas ocorram em qualquer local e a qualquer momento, ampliando as possibilidades de aprendizado. Muitas pessoas que não podiam continuar com seus

estudos devido a horários e locais diferentes do que os ofertados pelas instituições estudantis foram também beneficiados por essa mobilidade.

Segundo Norbert Pachler, coordenador do London Mobile Learning, na Inglaterra, “a mobilidade é o cerne do mundo contemporâneo, e que os educadores precisam utilizá-la ao seu favor, sobretudo no que diz respeito à aprendizagem e ao desenvolvimento de crianças e adolescentes – grupo que cada vez mais faz uso dessas plataformas” (2014).

Nesse sentido, é válido ressaltar a importância do papel do professor em trazer para suas aulas algo que o aluno está acostumado a conviver na sua casa: a tecnologia. O professor precisa estar atento no planejamento de suas aulas e incluir, de forma consciente, o uso de materiais multimídias.

No entanto, essa inclusão não deve ser de forma aleatória e sem um propósito bem definido, ao contrário, o professor deve ter um projeto com objetivos bem claros para que a utilização da tecnologia seja de maneira proveitosa e o conhecimento gerado por ela seja efetivo.

Bellei atenta para o fato de que “o material eletrônico não substitui completamente o material impresso, e o professor continua a ser indispensável” (2012, p. 143).

É importante, assim, que o professor saiba lidar com esses recursos e esteja aberto a atualizar-se de modo a saber como produzir ou de que forma buscar objetos de aprendizagem que sejam condizentes com suas metas propostas para determinada turma.

Pachler ainda destaca que o uso dessas ferramentas no cotidiano da sala de aula não vai resolver todos os problemas, mas que certamente vai colaborar no processo de ensino. Segundo ele, é “preciso construir uma ponte resistente entre o mundo que se vive e a sala de aula, estando atento ao cenário cultural deste grupo de alunos. Há muitas outras coisas além de ligações que um celular pode fazer” (PACHLER, 2014).

Outra mudança importante também diz respeito ao modo como a leitura é realizada. Antigamente, a leitura só era feita através de material impresso, enquanto

que, na atualidade, novas formas de realizar a leitura estão disponíveis à população: o livro digital.

2.1 Livro impresso e livro digital

Juntamente com os avanços tecnológicos, vem uma preocupação para estudiosos da área da educação acerca do livro. Muitos estudos têm se dedicado a investigar se o livro digital viria a substituir o livro impresso; no entanto, a maioria deles descartam essa hipótese e, ao contrário, afirmam que as novas tecnologias auxiliam na edição e produção de livros impressos.

Já passaram-se décadas e podemos afirmar que os manuscritos continuam a ser publicados cada vez mais em maior número e com a contribuição dos computadores aos escritores, os quais escrevem não somente para editoras, mas também para páginas da Internet. Ao contrário do que muitos falaram ou mesmo do que inicialmente se pensou, os livros não estão com seus dias contados. As novas tecnologias deram-lhes um novo impulso, pois muitos escritores passaram a utilizar o computador pois este dá maior facilidade na revisão de textos, pesquisas, além de ter agilizado o tempo de escrita e construção do texto. A este respeito, esclarecemos aqui, que nem todos os escritores têm o mesmo ritmo de escrita e o uso do computador não é nem pode ser um argumento inteiramente válido para justificar a rapidez ou lentidão na redação de uma obra, apesar de reconhecermos que essa tecnologia facilita significativamente (CRISTÓFANO, 2014, p. 8).

Nesse sentido, o que percebe-se é a coexistência de ambas as formas, digital e impressa, visto que uma completa a outra:

O livro, como parte do processo de desenvolvimento do homem e da descoberta das características de sua própria natureza também vai resistir ao avanço da tecnologia. [...] As realidades impressas e digitais deverão conviver simultaneamente como opções diferentes e complementares, não havendo um parâmetro de que essa ou aquela forma de acesso seja melhor ou pior. Existem facilidades, como também restrições, mas o importante é o desempenho e a contribuição de cada um desses formatos e categoria de bibliotecas no desenvolvimento do conhecimento humano (BENÍCIO; SILVA, 2005, p. 5).

Muitas são as vantagens do livro digital, já que é através da internet que livros raros são disponibilizados para o mundo todo. O acesso a obras literárias torna-se mais facilitado e pode ser compartilhado por diversas pessoas de diferentes regiões. Segundo Bellei,

o texto digitalizado colocado em rede, ao contrário do livro impresso, pode ser lido simultaneamente por todos os leitores que dele necessitarem, contanto que tenham acesso a um computador equipado com um modem. E a distância geográfica deixa de ser um problema: um leitor em Paris pode ler um texto armazenado eletronicamente em uma biblioteca em Nova York (2012, p. 87).

Assim, o espaço-tempo se modifica, e podemos ler um livro que não foi editado no Brasil sem precisar importá-lo através da internet, isto é, se o livro estiver disponível em rede, podemos baixá-lo gratuitamente ou pagar para ter permissão ao seu acesso, utilizando algum dispositivo para sua leitura (tablet, notebook, e-reader, celular, etc.).

Schifferli, em seu artigo intitulado *Livro e leitura na era digital*, pontua com clareza as mudanças no campo da leitura:

Um outro aspecto muito importante em relação às novas tecnologias está relacionado à nova forma de leitura. No tradicional livro impresso a rota ou seqüência leitora está predeterminada pelo autor. Em contraposição, no texto eletrônico, o leitor conta com múltiplas alternativas ou cursos de ação, que serão definidos segundo as suas necessidades, eliminando-se, portanto, a linearidade que durante séculos caracterizou a leitura (2014, p. 11).

Esse movimento em massa da página para a tela modifica a forma de leitura tradicional, já que a leitura digital rompe com a linearidade e amplia as possibilidades de intervenção do leitor. Isso influencia diretamente na formação de leitores, e a escola tem de estar preparada para saber lidar com essas mudanças.

Nesse sentido, para refletir sobre a formação de leitores, é válido retomar as cinco dimensões do processo de leitura de Vicent Jouve citadas por Rezende, que as enumera como um processo neurofisiológico, cognitivo, afetivo, argumentativo e simbólico. Rezende destaca, ainda, que todas “essas dimensões são perfeitamente escolarizáveis” (2013). Segundo essa mesma professora,

talvez um dos maiores problemas da leitura literária na escola [...] não se encontre na resistência dos alunos à leitura, mas na falta de espaço-tempo na escola para esse conteúdo que insere fruição, reflexão e elaboração, ou seja, uma perspectiva de formação não prevista no currículo, não cabível no ritmo da cultura escolar (REZENDE, 2013, p. 111).

A falta de tempo para a leitura na atividade curricular é conhecida por todos os professores de literatura, que se confrontam com períodos curtos e escassos durante as semanas de aulas. Para Mia Couto, escritor moçambicano,

na realidade, de pouco vale a leitura se ela não nos fizer transitar de vidas. De pouco vale escrever ou ler se não nos deixarmos dissolver por outras identidades e não reacordarmos em outros corpos, outras vozes. A questão não é apenas do domínio de técnicas de decifração do alfabeto. Trata-se, sim, de possuímos instrumentos para sermos felizes. E o segredo é estar disponível para que outras lógicas nos habitem, é visitarmos e sermos visitados por outras sensibilidades. É fácil sermos tolerantes com os que são diferentes. É um pouco mais difícil sermos solidários com os outros. Difícil é sermos outros, difícil mesmo é sermos os outros (2011, p. 100-101).

E para que o aluno seja despertado para o gosto da leitura literária é necessário que o trabalho do professor seja repensado para que ela seja incluída nos seus planos de aulas. Assim, é “importante confrontar os alunos com a diversidade do literário [...]: diversidade dos gêneros [...]; diversidade histórica [...]; diversidade geográfica [...]” (ROUXEL, 2013, p. 23).

E isso é, justamente, possibilitado também pelo uso das tecnologias em sala de aula, como por exemplo a internet, que permite o acesso a obras escritas e publicadas no mundo todo, ampliando as opções de leitura para os alunos e facilitando o contato com diferentes culturas:

a Internet tornou-se numa grande livraria completa, onde podemos encontrar qualquer obra que se procure. Mas, a autora também chama a atenção para o fato de existir o excesso de informação. Nesse sentido, Ângela Rego afirma que “O Cyber-monstro é enorme e com muitas cabeças. Num conto, seria o terror absoluto: não conseguimos enxergar onde começa ou termina”. Contudo, a autora conclui seu texto ressaltando que “o computador tem sido um bom companheiro. E é sempre mais leve e descompromissado trabalhar com ele” (CRISTÓFANO, 2014, p. 11).

De acordo com a autora, um dos aspectos negativos é a perda de foco na qual o acesso à leitura digital, principalmente em hipertextos, pode resultar, visto que muitas são as possibilidades de acesso a diferentes links e hiperlinks na internet. Esse excesso de informações acaba por gerar uma forma de leitura mais rápida e menos organizada, contrariamente à leitura de uma obra impressa, como ressalta Bellei,

em conferência apresentada em 1996 e posteriormente divulgada na internet, Umberto Eco recomendava uma certa cautela no tratamento do tema do desaparecimento do texto impresso. É que o livro, pelo menos no momento atual, atende as necessidades culturais, pessoais e sociais que não podem ser satisfeitas pelo computador. É o caso da necessidade da leitura reflexiva, marcada pela cuidadosa atenção e pela postura meditativa, em vez da leitura meramente voltada para a necessidade de informação (BELLEI, 2002, p. 39).

Assim, tanto o livro impresso quanto o digital ainda são necessários para a formação de leitores, visto que atendem a diferentes necessidades.

2.2 Hipertexto e suas possibilidades

Schifferli define de forma sucinta e eficaz o que, atualmente, é o hipertexto:

um texto que traz conexões, chamadas *links*, com outros textos que, por sua vez, se conectam a outros, e assim por diante, formando uma grande rede de textos [...]. A noção de texto [...] deve ser considerada em um sentido mais amplo àquela que foi comumente usada pela Linguística Textual, isto é, o texto não é mais uma simples seqüência de palavras escritas ou faladas, mas um evento (2014, p. 5).

O hipertexto também é um texto, no entanto, ele se difere do texto impresso por permitir múltiplas conexões. De forma geral e resumida, o hipertexto é “um banco de dados ligados em rede” (BELLEI, 2002, p. 68).

Esses diferentes dados e links podem levar o usuário à dispersão, exigindo uma nova postura frente a essa nova forma de conhecimento, isto é, percebe-se

um novo desafio do leitor hipertextual: a definição clara dos objetivos da pesquisa. A ausência de uma definição prévia à caminhada pelos intrincados caminhos do ciberespaço pode nos levar à perda de tempo, e inclusive, poderá nos afastar daquilo que era a motivação inicial de nosso trabalho. Embora o anterior possa parecer óbvio, considerando que grande parte dos hipertextos possuem *links* que estão diretamente relacionados à temática que nele está sendo discutida, não pode ser esquecido que nas condições atuais, em que convergem, num mesmo ponto, diferentes recursos (tabelas, fotos, vídeos, sons), um descuido poderá conduzir-nos a lugares não desejados: leia-se, *sites* de receitas, de piadas ou pornográficos (SCHIFFERLI, 2014, p. 12).

Nesse sentido, o leitor precisa estar atento para não perder o foco daquele determinado acesso, delimitando seus objetivos, identificando prioridades e selecionando as informações. Se isso não for observado e o leitor não tiver cautela,

a sensação de liberdade transmitida por esse tipo de formato de leitura acaba se perdendo, como afirma Schifferli:

este fenômeno dispersivo anula em parte a liberdade adquirida pelo leitor quando se aventura por *links* externos ao texto em exame. O suporte digital deixa, assim mesmo, nas mãos do leitor, decisões que, anteriormente, eram próprias do autor ou editor. Ao ler uma obra em formato eletrônico, o usuário pode, por exemplo: mudar o tamanho ou o tipo da letra, ou modificar o espaço das entrelinhas; se isso fosse necessário para uma melhor leitura. Tem, igualmente, a possibilidade de usar outras ferramentas: de busca, localizando palavras e frases ou de destaque, remarcando aqueles trechos do texto que lhe pareçam importantes para uma consulta posterior (2014, p. 12).

A escrita eletrônica modifica o significado dos conceitos de leitor e autor, visto que ela permite o deslizamento de uma função para outra, tornando mais apagada a linha que antes, aparentemente, separava-os.

Essa transformação abre espaço para o que é chamada de interatividade, pois se antes ela era limitada, atualmente, com as novas tecnologias, houve sua ampliação.

Surge o princípio da interatividade – participação do leitor na elaboração do texto, escolha de caminhos, estruturação narrativa. A reprodução para o meio eletrônico é feita por escanerização ou digitação dos textos, com as palavras-elo destacadas ou ainda pela introdução de ícones representativos da temática da obra ou do bloco. Quanto ao princípio da reprodutibilidade, os *textos hipertextuais* ainda podem ser reproduzidos, mas por blocos, devendo o leitor fazer as ligações pertinentes quando impressos. Quando isso ocorrer, haverá a perda do valor estético, tendo em vista que tais textos habitam o meio tecnológico e são decorrentes dos processos sígnicos deste (SILVA, 2011, p. 4).

Pode-se afirmar que alguns livros são melhores e mais fácil de serem consultados quando apresentados em hipertexto ou formato eletrônico, como por exemplo as enciclopédias, já que se tornam mais fáceis de armazenar, organizar e buscar referências sobre determinado assunto ou tema. Percebendo-se particularidades de diferentes tipos de obras, cabe aqui uma reflexão acerca de suas adaptações.

2.3 As obras literárias e suas adaptações

Como já apontado anteriormente, ao ler uma narrativa impressa, o leitor se depara com uma certa lógica. Contudo, isso não acontece quando ele se defronta com uma narrativa hipertextualizada, pois várias são as conexões disponíveis ao seu alcance, resultando na perda da linearidade e do seu enredo dominante.

Bellei pontua que “nesse espaço de dispersão de sentido e de atenção, o leitor-aprendiz deve ser avaliado, principalmente, em termos dessa capacidade de ordenação de significados” (2002, p. 103).

Junta-se à essa difícil tarefa de ordenar, selecionar e manter-se no foco, a dificuldade que os alunos apresentam ao se depararem com obras literárias fora do espaço e tempo a que estão habituados:

No ensino médio, o confronto com a complexidade resulta primeiramente dos programas que estipulam o encontro com obras do passado. O sentimento de alteridade domina diante de textos que é preciso aprender a descobrir. Deve-se estimular a curiosidade [...] Relação da obra com outros objetos semióticos da mesma época – um poema, um quadro, uma música; confrontação da obra com suas adaptações contemporâneas (ROUXEL, 2013, p. 27).

Essa relação deve ser proposta pelo professor, que precisa refletir sobre qual – ou quais – a melhor forma de incluir as tecnologias nas aulas de Literatura com a finalidade de despertar o interesse dos alunos por obras literárias tradicionais que fazem parte do currículo obrigatório.

Nesse sentido, as adaptações de livros para outras mídias e formatos vêm ao auxílio do professor, como por exemplo o livroclip, o qual apresenta uma rápida propaganda do livro, despertando a curiosidade dos alunos sobre determinada obra.

O pesquisador Antônio C. Braga Silva nomeia esses novos formatos da literatura como “ciberliteratura”, afirmando que

ainda há necessidade mais estudos sobre essas questões, pois nesse campo o computador manipula o signo verbal, criando neste efeitos visuais, ou construindo com a utilização de signos sonoros e visuais o que se denomina Literatura Gerada por Computador, ou atualmente conhecida como Ciberliteratura (2011, p. 3-4).

Esse mesmo autor atenta para o fato de que a ciberliteratura exige uma nova postura do leitor e do autor, o que corrobora as afirmações feitas anteriormente nos outros subcapítulos. Para Antônio C. Braga Silva,

produzir no campo virtual da Ciberliteratura é ter a possibilidade de manipular a linguagem verbal e usar inserida nela signos visuais e sonoros. Então, encontramos-nos diante de um novo meio de suporte para o texto, que geram um novo leitor e a necessidade de uma nova linguagem, a qual pode apresentar complexa estrutura tanto em termos lingüísticos quanto sintáticos (2011, p. 3-4).

Tanto através da ciberliteratura, quanto por meio da literatura impressa, a tarefa do professor de despertar o gosto pela leitura literária é complexa, e só será possível se o professor, em sala de aula, permitir ao seu aluno “entrar em contato com a experiência da leitura, dar voz ao texto do leitor e compartilhar essa experiência como forma de conhecimento em contexto didático”; isso sim “é eminentemente pedagógico” (JOVER-FALEIROS, 2013, p. 132).

No contexto das referências supra citadas, a seguir é apresentado um estudo de caso acerca da literatura e o uso de TIC em uma escola de Canoas-RS.

3. Literatura e TIC na escola

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Érico Veríssimo situa-se no município de Canoas, na região metropolitana de Porto Alegre, sendo composta por alunos da classe baixa a média. O estudo foi direcionado aos alunos do ensino médio. O objetivo da pesquisa foi identificar quais são as atuais estratégias adotadas pelos professores de Literatura para a utilização das TIC em sala de aula. Optou-se pela realização de um questionário contendo sete questões optativas e uma dissertativa.

O questionário foi aplicado aos alunos de duas turmas do segundo ano do ensino médio, dos turnos tarde e noite. Também responderam ao questionário dois professores de literatura dessa mesma escola, sendo igualmente um de cada turno – tarde e noite.

Para a preservação do anonimato dos participantes da pesquisa, a turma do turno da tarde será chamada de turma 1 e seu respectivo professor de literatura será

o professor 1. Já a turma do noturno será referida como turma 2 e seu professor como professor 2.

A turma 1 é composta por 31 alunos, no entanto, apenas 27 entregaram o questionário respondido. O restante dos alunos não puderam respondê-lo por diferentes motivos, como por exemplo faltas, evasão escolar, etc. O mesmo aconteceu na turma 2, pois dos 28 alunos matriculados, só 21 alunos responderam o questionário.

A primeira questão foi direcionada para verificar se os alunos têm o hábito da leitura. Muitos alunos ficaram em dúvida se podiam considerar leituras de quadrinhos, revistas ou outros itens além de livros, ao assinalar a resposta. Optou-se por considerar qualquer tipo de leitura, visto que a pergunta realmente havia ficado muito vaga. Na figura 1 são apresentados gráficos que ilustram as respostas dadas pelos alunos. Percebe-se que no turno da tarde 74% dos alunos têm o hábito da leitura, enquanto que no turno da noite somente 68% têm o hábito da leitura.

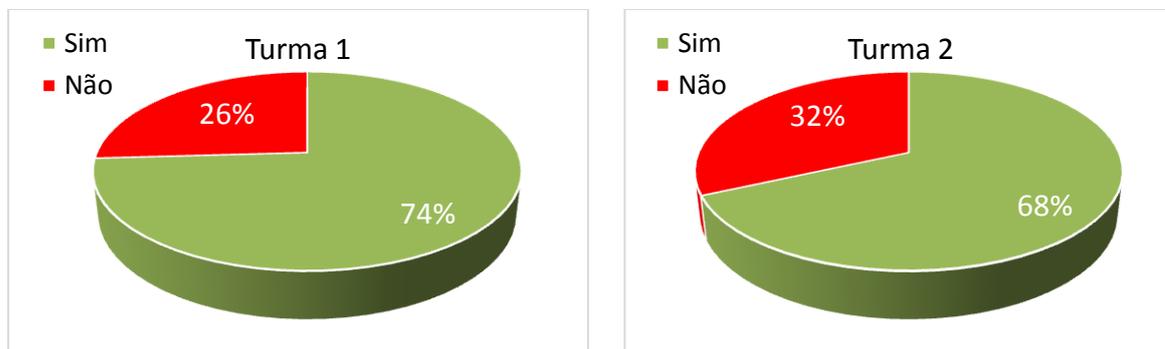


Figura 1 – Respostas à questão: Você tem o hábito de ler?

Na segunda pergunta: “Quantas horas por dia você utiliza o computador para acesso à internet?”, cujas respostas estão ilustradas na figura 2, observamos que a turma da tarde permanece muito mais tempo acessando a internet do que a turma do noturno. Uma das hipóteses que podemos considerar é o fato de muitos alunos da noite trabalharem ou estagiarem durante o dia, restando-lhes poucas horas livres para ficarem na internet pelo computador ou celular.

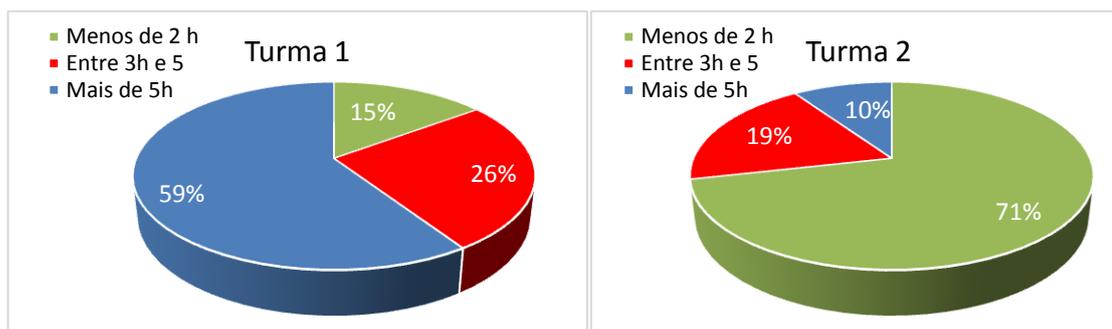


Figura 2 – Respostas à questão: Quantas horas por dia você utiliza o computador para acesso à internet?

A terceira pergunta trazia vários itens para os alunos marcarem para que, geralmente, eles utilizavam a internet. Foi instruído aos alunos que eles poderiam marcar mais de um item. Na turma 01, todos os 27 alunos marcaram o item que indicava acessar redes sociais, 17 marcaram a opção de ver e enviar emails, 20 marcaram pesquisar sobre assuntos particulares, e somente 12 afirmaram pesquisar sobre assuntos e trabalhos escolares.

A turma 02 apresentou resultados melhores divididos sobre o uso da internet. Dos 21 alunos, 20 afirmaram acessar redes sociais, 16 marcaram ver e enviar emails, 18 afirmaram pesquisar sobre assuntos e trabalhos escolares e 15 sobre assuntos particulares.

Observa-se que enquanto a primeira turma privilegia o acesso às redes sociais e utiliza a internet muito pouco com a finalidade de estudo, a turma 02 a utiliza mais do que a 01 para pesquisar sobre assuntos escolares.

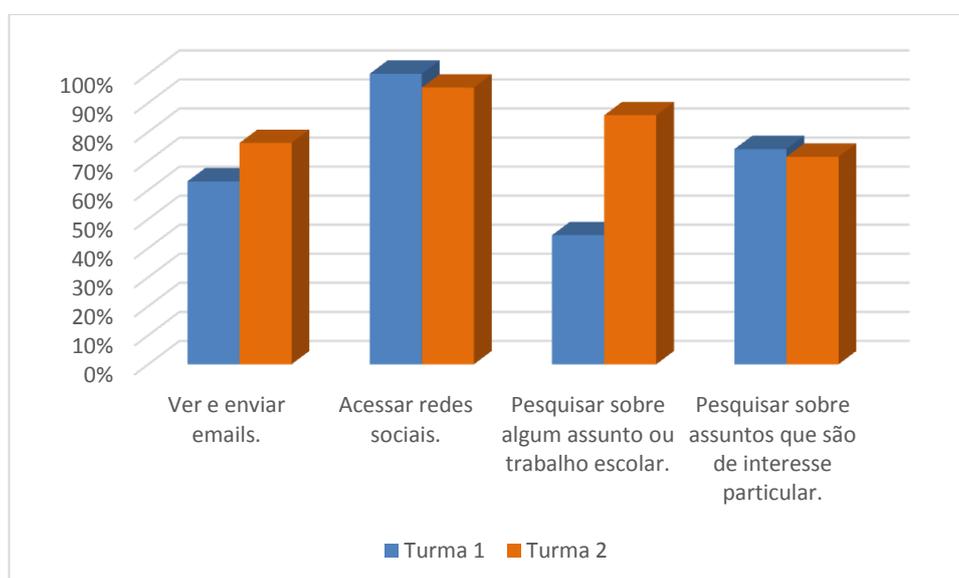


Figura 3 – Respostas à questão: Marque os itens que apresentam para que você utiliza a internet geralmente.

Na quarta pergunta, foi solicitado que assinalassem se o professor de Literatura tem o hábito de utilizar alguma tecnologia em suas aulas. A maioria dos alunos da turma 01 afirmaram que sim, e poucos assinalaram que não ou que não sabiam responder. Enquanto que na turma 02, o número dos que marcaram “não” foi maior, mas ainda assim a resposta “sim” foi a mais assinalada.

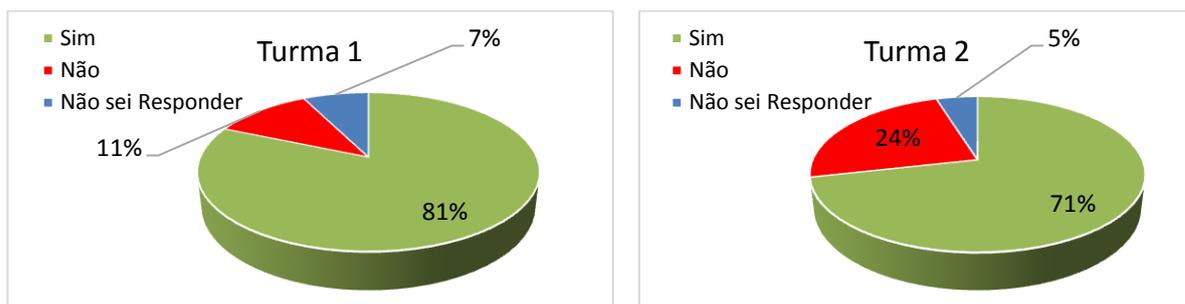


Figura 4 – Respostas à questão: Na sua escola, o professor de Literatura tem o hábito de utilizar alguma tecnologia (computador, rádio, televisão, etc.) nas aulas?

A questão cinco perguntava se a turma, no geral, aceitava as atividades propostas e participava quando o professor incluía alguma tecnologia. Em ambas as turmas, a maioria dos alunos marcaram afirmativamente para essa questão.

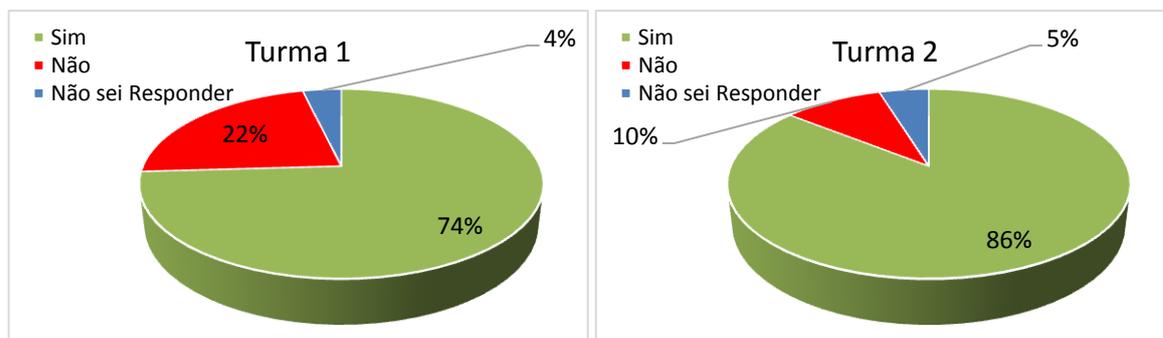


Figura 5 – Respostas à questão: A turma, no geral, aceita as atividades propostas e participa quando o professor inclui alguma tecnologia?

Na sexta pergunta, era para os alunos expressarem sua opinião sobre se o uso de diferentes tecnologias em aula realmente colaborava na aprendizagem, isto é, se eles acreditavam no efeito positivo sobre a educação deles mesmos. A maioria em ambas as turmas assinalou a resposta “sim”. No entanto, verificou-se que muitos dos alunos da turma 02 marcaram que não sabiam responder a essa questão.

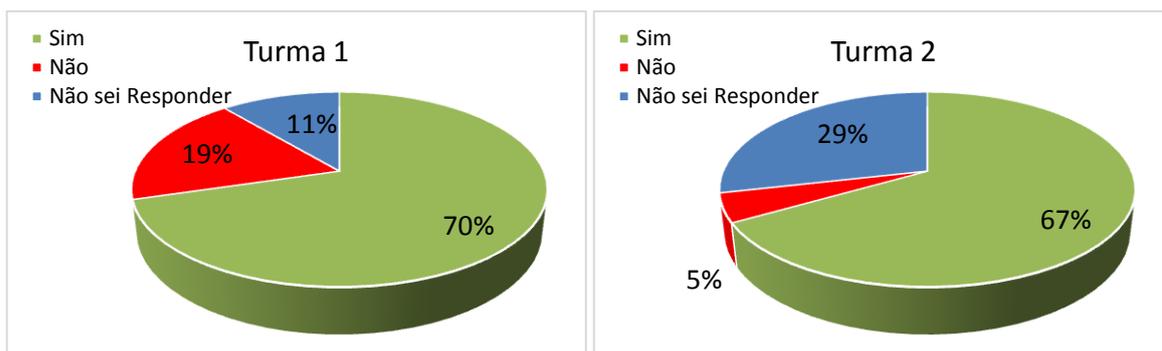


Figura 6 – Respostas à questão: Na sua opinião, o uso de diferentes tecnologias em aula realmente colabora na aprendizagem dos alunos?

A sétima questão indagava aos alunos se eles acreditavam serem satisfatórios os recursos tecnológicos que a escola disponibilizava para eles e seus professores. Tanto a turma 1 quanto a turma 2 assinalou, em sua maioria, que não eram satisfatórios, e pouquíssimos marcaram que “não” ou que não saberiam responder.

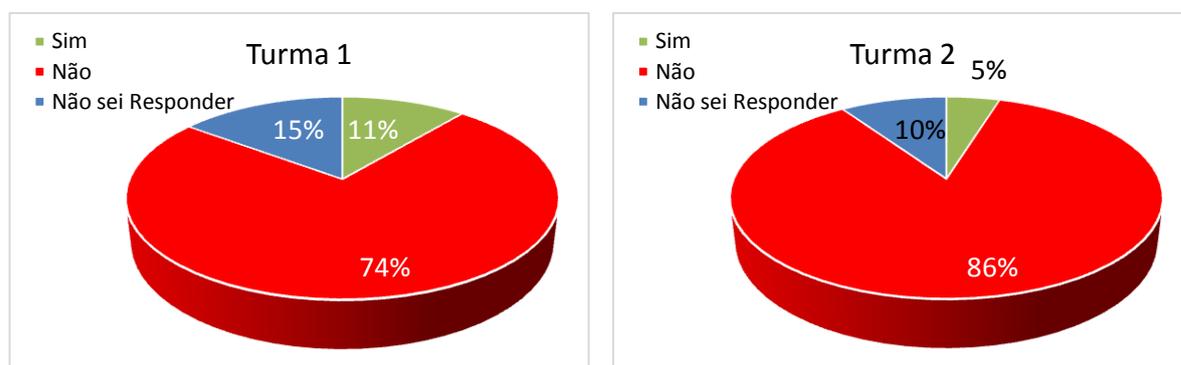


Figura 7 – Respostas à questão: São satisfatórios os recursos tecnológicos (instrumentos) que a escola disponibiliza para alunos e professores?

A oitava e última questão foi elaborada de forma que a resposta fosse dissertativa, para que os alunos e professores tivessem mais liberdade em expor suas opiniões acerca do tema. Muitos alunos trouxeram os pontos negativos quando havia o uso de tecnologias em aula, como dispersão da turma, distração, etc.

Os professores trouxeram, além disso, o fato de os alunos não saberem filtrar as informações de forma mais proveitosa, muitas vezes tendendo para o plágio devido à preguiça e à pressa de terminar as atividades propostas. Também foi citado pelos professores o pouco tempo disponível e os escassos instrumentos e recursos de que dispunham. Segundo eles, muitas vezes, quando pretendiam utilizar o

laboratório de informática ou a televisão com dvd, esses já estavam reservados para outras disciplinas.

4. Considerações Finais

Cada vez mais aumenta a preocupação com a formação de leitores. A leitura crítica, reflexiva e atenta de obras literárias é uma raridade entre jovens e adultos na nossa sociedade. O ensino equivocando da literatura nas escolas, que abrange apenas períodos, datas e superficialmente se estuda os autores e suas obras, colabora para essa situação.

Faz-se necessário ensinar ao aluno a enxergar a leitura literária como uma forma de prazer, lazer, e não somente como uma obrigação. É preciso que o aluno sinta e perceba como era determinada época, os costumes das pessoas daquela época e região, e entender os motivos – ou pelo menos ser capaz de refletir sobre eles – que levaram esses autores a escreverem tais obras. Em outras palavras, “ir do *ensino de literatura* para o de *leitura literária*, quando o objeto do ensino da literatura passa a ser a experiência da leitura literária e a reflexão, experiência e reflexão essas que podem ser mediadas e sociabilizadas no espaço da sala de aula” (DALVI et al., 2013, p. 13).

Isso pode ser mais facilmente obtido com a ajuda das tecnologias, pois, através delas, temos acesso a imagens, vídeos, filmes, fotografias e, inclusive, quadros e pinturas digitalizados de diversas épocas e lugares.

Além disso, os resumos de obras literárias disponíveis *online* devem deixar de serem vistos pelos professores como vilões, se eles forem usados para fins de despertar o interesse do aluno na leitura de determinado livro. Mesmo que esses resumos tragam o final da obra, o aluno ainda assim pode se interessar na sua leitura, pois ficará curioso para descobrir como aquela história ou enredo se desenrolou, isto é, quais foram os acontecimentos para se chegar naquele final.

Junta-se a isso, o poder da leitura literária de formar cidadãos críticos. É a literatura que nos ajuda a entender o mundo e as pessoas que nos cercam, pois, refletindo sobre as ações e os sentimentos das personagens inseridas nos livros, temos a possibilidade de repensarmos nossa própria vida. As obras literárias são,

assim, portas para tentar entender o ser humano, tarefa complexa. Para Bellei, “a literatura, em resumo, tem o potencial para nos transformar em seres humanos não apenas melhores, mas ainda capazes de reformar o mundo” (2012, p. 42).

E para que isso seja despertado nos alunos, a escola e o professor não podem ficar agarrados a um modelo tradicional de ensino. Eles precisam trazer para dentro dos espaços escolares aquilo que, atualmente, faz parte do cotidiano dos alunos: as tecnologias.

De acordo com os dados da pesquisa desenvolvida com os alunos do município de Canoas, pode-se observar que esses estudantes têm acesso à internet tanto na escola quanto em casa, o que facilita o trabalho do professor quando ele pretende incluir as tecnologias em seus planos de aulas.

Os alunos que participaram da pesquisa relataram, também, que acreditam na contribuição das tecnologias para a construção do seu próprio conhecimento e apóiam a utilização delas na escola.

As tecnologias, se forem bem empregadas e aproveitadas no processo ensino-aprendizagem, resultarão na interatividade, na coletividade e na alteridade. Além disso, outro fator positivo que pode-se destacar, é a interdisciplinaridade gerada, principalmente, quando são utilizadas as tecnologias nas aulas, mais do que o ensino tradicional pode proporcionar, visto que diversas áreas são aproximadas e interligadas no meio virtual.

O processo de ensino-aprendizado, nessas condições, exige muito mais do aluno, sendo o professor um mediador na construção do conhecimento. Isso leva o aluno a refletir, a ter disciplina, a se organizar e a construir seus aprendizados de forma contínua. O conhecimento gerado pelo estudante, com o apoio do professor, é absorvido, ressignificado e ganha uma maior profundidade.

Outro fator que a pesquisa elaborada apontou é a escassez de recursos relacionados às TIC para uso do professor com os alunos. É válido ressaltar que as instituições educacionais precisam oferecer os instrumentos necessários para que o professor possa realizar seu trabalho com segurança e de modo eficaz, o que, geralmente, não ocorre, dificultando a utilização dos materiais multimídias em sala de aula.

Nesse sentido, pensar a educação é cada vez mais pensar em como incluir as tecnologias em aula para que os alunos não só se sobrecarreguem de informações aleatórias, mas que saibam separar e diferenciar entre o que é válido para si e o que não agrega nada ao seu conhecimento.

5. Referências

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. *Hipertexto e literatura*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2012.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. *O livro, a literatura e o computador*. São Paulo: EDUC, 2002.

BENÍCIO, Christine Dantas Benício; SILVA, Alzira Karla Araújo da. *Do livro impresso ao e-book: o paradigma do suporte na Biblioteca Eletrônica*. *Biblionline*, v. 1, n. 2, 2005.

COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano?: e outras interinvenções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CRISTÓFANO, Sirlene. *A literatura e as novas tecnologias: a formação de leitores ativos em múltiplos suportes*. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/A-Literatura-e-as-Novas-Tecnologias-A-Forma%C3%A7%C3%A3o-de-Leitores-Ativos-em-M%C3%BAltiplos-Suportes.pdf>>. Acesso em: 10 de maio de 2014.

DALVI, Maria Amélia et al. (Orgs). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

JOVER-FALEIROS, Rita. *Sobre o prazer e o dever de ler: figurações de leitores e modelos de ensino da literatura*. In: DALVI, Maria Amélia et al. (Orgs). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 113-134.

PACHLER, Norbert. *Boletim de Notícias*. Disponível em: <http://fecomerciope.com.br/fecomercio/Boletim-de-Noticias/Jornal_final_30_web.pdf>. Acesso em: 14 de maio de 2014.

REZENDE, Neide Luzia de. *O ensino de literatura e a leitura literária*. In: DALVI, Maria Amélia et al. (Orgs). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 99-112.

ROUXEL, Annie. *Aspectos metodológicos do ensino da literatura*. In: DALVI, Maria Amélia et al. (Orgs). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 17-33.

SCHIFFERLI, Eduardo Antonio Calliñir. *Livro e leitura na era digital*. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/0/05/GT4-03-Livro_e_leitura_-_Eduardo.pdf>. Acesso em: 11 de junho de 2014.

Apêndice

Questionário aplicado aos alunos e aos professores.

É inegável que a tecnologia invadiu nossas vidas e, cada vez mais, recorremos a ela para qualquer atividade cotidiana. Partindo dessa reflexão e referindo-se às aulas de Literatura na sua escola, responda o questionário abaixo para contribuir com a pesquisa sobre literatura e tecnologias.

1) Você tem o hábito de ler?

Sim. Não.

2) Quantas horas por dia você utiliza o computador para acesso à internet?

Menos de duas horas. De três a cinco horas. Mais de cinco horas.

3) Marque os itens que apresentam para que você utiliza a internet geralmente:

Ver e enviar emails.

Acessar redes sociais.

Pesquisar sobre algum assunto ou trabalho escolar.

Pesquisar sobre assuntos que são de interesse particular.

4) Na sua escola, o professor de Literatura tem o hábito de utilizar alguma tecnologia (computador, rádio, televisão, etc.) nas aulas?

Sim. Não. Não sei responder.

5) A turma, no geral, aceita as atividades propostas e participa quando o professor inclui alguma tecnologia?

Sim. Não. Não sei responder.

6) Na sua opinião, o uso de diferentes tecnologias em aula realmente colabora na aprendizagem dos alunos?

Sim. Não. Não sei responder.

7) São satisfatórios os recursos tecnológicos (instrumentos) que a escola disponibiliza para alunos e professores?

Sim. Não. Não sei responder.

8) Neste espaço abaixo, escreva de forma livre sobre o tema dessa pesquisa, como, por exemplo, os aspectos positivos e negativos de uma aula com a utilização de tecnologias, as dificuldades encontradas pelos professores e alunos, etc.
